

# Elementos iniciais para o antropomorfismo do projeto e do design

Caio Adorno Vassão<sup>1</sup>

Parece-me frutífero compreender as diversas modalidades de posituação do ambiente urbano por meio de uma qualificação antropomórfica: a humanidade aderna o ambiente de maneira que este passa a curvar-se às suas vontades e necessidades. A presença corpórea inalienável do homem faz sentir-se como uma coleção de entidades referenciais. Estas podem ser de expressão bastante palpável e explícita – dimensões e proporções dos objetos industriais e eletrônicos que se interfaceam com o corpo individual –, assim podem apresentar-se quase ocultas – a posição das cidades na paisagem ou a orientação cardinal dos edifícios.

O Antropomorfismo denominou, e ainda denomina, o ato de inferir qualidades humanas a entidades e objetos não-humanos. Desde Bacon, é epistemologicamente considerado um obstáculo à compreensão do mundo em seus próprios termos – isto é, fundamentalmente não-humanos. No entanto, o antropomorfismo ao qual me aproximo é propositivo e originalmente corpóreo.

O uso consagrado da palavra (compreender o mundo tomando-se emprestadas características do comportamento humano) expressa a dualidade corpo-mente. O corpo é tratado como apêndice, considerando-se a mente (a alma) o *locus* originário da humanidade. Procuo ir além deste uso, ao buscar pelo processo de conformação corpórea: choques de corpos criando a ambientalidade contemporânea.

## **Introdução**

Parto de uma tentativa: a posituação de artefatos (a criação do ambiente urbano) é, necessariamente, um antropomorfismo, uma antropomorfização do ambiente. Ao considerar as diversas maneiras pelas quais imagens referenciais de nós mesmos são produzidas e utilizadas na construção do mundo – desde a antropometria, passando pelos sentidos e dinamismo, até a estética – positiva-se um mundo nosso: adequado a nós e que brota de nós.

---

<sup>1</sup> Caico Vassão é Arquiteto e Urbanista. Doutorando pela FAU/USP e professor do Centro Universitário Senac/SP – Laboratório de Tecnologia de Design de Interfaces.

Invisto em um procedimento dialético oportuno e que permite a aproximação gradativa de um entendimento propositivo, o qual não é uma síntese ou mediatrix dos termos anteriores, mas uma inserção de complexidade, em prol da emergência de entidades legítimas.

De acordo com a etimologia, a antropomorfia diz respeito à imagem do homem e da humanidade: *antropo* = homem e *morfia* (*morphé*) = imagem. Tal imagem pode ser construída de maneira isolada por indivíduos, mas também pode ser, e certamente o é, uma construção coletiva, contendo uma miríade de entidades que denotam um momento histórico e uma cultura.

A imagem do corpo humano, sua forma, é construção cultural das mais antigas. As pinturas de Altamira, das rochas do oeste americano, de Lascaux ou das cavernas australianas são exemplos de como o homem primitivo criava a imagem do corpo, ligada a si mesmo.

Na cosmologia tradicional, e mesmo em Platão e na linhagem judaico-cristã, o corpo é suporte, instrumento, apoio para algo maior e mais sofisticado. O espírito apóia-se no corpo para estar no mundo. Mas, assim que o corpo desempenhou sua função, ele deve ser descartado, liberando a alma para cumprir seu destino original. Como Platão aludia à necessidade do uso apenas temporário da arte como escada para atingir-se a forma, do ponto de vista do idealismo, o corpo pode ser apenas anteparo, no máximo espelho.

## **1ª oposição**

Argumento que:

- 1) o corpo humano e sua forma, sua imagem, são anteparos de projeção e reflexão do humano sobre o ambiente, conformando o ambiente à imagem construída, múltipla e variegada que a humanidade produz de si mesma;
- 2) o ato criador é corpóreo e, desta maneira, incontornavelmente humano, antropomórfico.

A construção do ambiente humano pode ser tomada como movimento de projeção de entes abstratos, os quais tiveram seu nascimento em um plano perfeito, ideal, platônico. O Homem como medida existe neste plano, e o esforço de quem propõe objetos para co-habitar o mundo seria o de encontrar pontos de confluência entre o Homem ideal e os que habitam o mundo.

Independente da existência de um plano ideal que serve de origem a entes e debruça-se sobre a terra, cria-se o mundo com as mãos. Mesmo hoje, com o maquinário digital e automatizado, apertam-se botões, acionam-se alavancas e manches. Essa existência é corpórea, e o corpo imprime-se contra outros corpos, friccionando-se com o mundo e com as coisas. Tal movimento de impressão deixa marca. Ela pode ser reconhecida como indelevelmente humana, antropomórfica.

## **2ª oposição**

Poderia falar de uma:

- 1) antropomorfia ideológica, marcada pela mediação da imagem do homem, de cunho ideológico e transcendente;
- 2) e também da antropomorfia compulsória, oposta a anterior, implicada na própria existência humana, processo conduzido pela coletividade que constrói um ambiente para si.

Para estabelecer o ponto de vista da antropomorfia ideológica, saliento duas noções: pode-se “interpretar [a] realidade em termos de comportamento humano ou por semelhança e analogia com esse comportamento” (ABBAGNANO, 1998, p. 68); ou encontrar elementos comuns à humanidade para que sequer possa fazer surgir este título (a espécie humana). Elas são ambas tributárias das noções: a) existem regularidades no comportamento e nas condições de existência humana; e b) a humanidade permanece estável em suas características.

Ambas presunções dependem da construção de uma forma genérica (mesmo que dotada de variações) que serve como substrato à promoção de um modo de ação e classificação padronizado com bases na estrutura psíquica e na fisiologia gerais da espécie. Algo similar, mas mais simples, se passa com a antropomorfização psíquica de elementos da natureza e da divindade: para conceber animais e deuses como humanos, assim como a unidade de toda a humanidade, faz-se uso da aglutinação conceitual não perfeitamente justificada.

Anteriormente, a base para tal construção seria um conhecimento vago, opinativo e convencional. Hoje é a ciência contemporânea que fornece insumos necessários para tal. Em outras palavras, ambas noções embasam-se na ideologia da antropomorfia geral do homem: quer o ideal ingênuo que acompanha as afirmações

clássicas e empiristas, como o ideal científico que sustenta a ergonomia e o design universal.

Esta antropomorfia geral do homem seria a coleção de imagens coerentes que denominam um campo central de entendimentos do que é o homem – suas psique e corporeidade. Além da imagem social do representante da humanidade propagada pela cultura global eurocentrista – homem, adulto, branco, resistente e saudável –, haveria outra imagem, mais complexa e dinâmica. Aquela produzida pela tecno-ciência ao procurar por uma definição mais clara e explícita do módulo ser humano que compõe, conjuntamente a outras diversas peças, algum maquinário produtivo.

Essa construção do homem objetivo é, contraditoriamente, complexa e vaga. Seus elementos principais são marcados por aquilo que lhe escapa: outra raça que não a branca; outro sexo que não o masculino heterossexual; um nível de resistência que não permita a ação atlética ou a desconsideração com a própria segurança fisiológica (como nos esportes radicais); a constituição que possa ser denominado (sancionado) como deficiente. E, além disso, a consideração antropométrica que permite despir esse corpo da carga sócio-moral, pretensamente em prol da igualdade generalizada, constrói uma forma, ela própria referência de ação para a coerção e controle.

Essa construção promove a centralidade da imagem frente à multiplicidade de outras, e principalmente marca a diferença como não-encaixe na centralidade, portanto, menos e abaixo da imagem sancionada da humanidade. Ou seja, aquele que não puder apresentar as características observáveis (parâmetros mensuráveis) do homem objetivo sanciona-se como deficiente, e não como diferente.

Haveriam, então, duas imagens que dialogam: o homem moralmente aceito como representante cultural amplo da humanidade, e a complexa imagem científica do homem-padrão, dotado de índices de desvio e medidas variantes. Essa segunda imagem é um constructo informacional e, assim sendo, carrega a carga da forma e da formalização. Esse homem é uma coleção de medidas padronizadas, mesmo que se expressem de maneiras variadas em cada indivíduo (conjunto variáveis). Assim, mesmo a deficiência converte-se em variação sobre o tema central, cujas certas variáveis terão valores que indicarão o deficiente.

## **Moldar coisas, moldar pessoas – subjetividade**

A partir desta centralidade, a subjetividade é um devir que se faz para se desfazer: incentiva-se a individualidade para que se possa estabelecer uma coleção de indivíduos puros. São espécimes que possam submeter-se (existencialmente, no sentido sartreano) ao processo de moldagem que os converte em peça modular. O mesmo processo pelo qual se estabelece a pureza dos entes não humanos: agricultura racional, mineração e purificação de substâncias (LATOURE, 1994).

Mas essa moldagem se passa de maneira fundamentalmente diferente justamente porque os entes humanos escolhem submeter-se a essa moldagem, e quem os molda são, eminentemente, os próprios indivíduos. Esse processo acontece de acordo com os aspectos ratificados tacitamente – homem branco heterossexual produtivo, por um lado, e referência antropométrica padrão, por outro.

Para melhor entender essa temática, deve-se desdobrar tal imagem em imagens derivadas. As imagens negativas do homem, aquelas que indicam, tradicionalmente, as pessoas a ser excluídas, em primeiro plano (o dito deficiente), ou, num segundo plano, subordinadas (mulher, homossexual, obeso, doente). Os deficientes ocupam, juntamente às imagens desdobradas, o segundo plano. Assim como o restante, deve se subordinar. Constitui-se um campo de claro privilégio que se afirma repetidas vezes na cultura contemporânea, e faz emergir um ambiente que nega legitimidade corpórea ao Outro.

Certamente, não há projetos eugênicos em andamento com a sanção dos grandes estados contemporâneos. Esse viés de interpretação cedeu lugar a uma imagem oposta. A pluralidade pode ser resumida em uma vontade de multiplicidade. Mas, concretamente, essa vontade se opera como modo idealizado de ação, nem sempre realizado.

Tal distância entre projeto de igualdade, sancionado pela legalidade, e a realidade cotidiana é, ainda, fonte inesgotável de lamentações por parte das vozes do *establishment*, na modalidade do politicamente correto. Mas o estado depende das imagens desdobradas para sancionar tacitamente a imagem central de homem – pois é assim que se aceita o Outro: como variação sobre um tema, exceção à regra, imagem imperfeita desdobrada a partir de uma origem perfeita. É irônico, e trágico, que este Outro é o indivíduo em sua vida concreta: ninguém ocupa a posição do homem modelo. Concretamente, o desvio seria a única regra.

E, é a própria multiplicidade corpórea inalienável que torna impossível o projeto de igualdade. Assim como a tolerância, como imperativo ético, não promove o rico imbricamento dos diferentes, mas sim uma capacidade de suportar um convívio não desejado, a igualdade obriga à equalização das condutas e dos corpos para que seja produzida uma unidade de ação estatal e sancionada. Isso se traduz na vontade não de multiplicidade, mas na vontade de unidade e repetição: o mesmo padrão corpóreo único reproduzido sobre a carcaça individual.

Observa-se o homem vitruviano de Leonardo, os estudos de antropometria, o controle da imagem humana sancionada pelo *status quo*, que reafirma um campo operacional de entidades construíveis. A bordo das sondas de exploração interplanetárias *Pioneer 10* e *11*, foram enviadas duas placas contendo saudações a seres alienígenas. Uma coleção de sinais em linguagem binária acompanha duas figuras humanas: ele de pé acenando o braço, ela mais atrás, passiva. Ambos caucasianos, brancos, nus. A antropomorfia do *establishment* científico de fins da década de 1960 e início de 1970 está ali visível: a natureza da nudez, o machismo atávico, a humanidade como uma das possíveis espécies inteligentes da galáxia.

### **Relações corpóreas pré-industriais e a imposição do módulo funcional**

Os objetos e ferramentas pré-modernos guardaram uma proximidade com o corpo, sensíveis a seu tamanho, força e capacidade de entendimento. Relacionavam-se diretamente com as capacidades inerentes ao corpo humano. E, do mesmo modo, não se esperava que os seres humanos pudessem desempenhar as tarefas possíveis no escopo sócio-corporal. Homens fortes de porte avantajado poderiam desempenhar tarefas de tração humana e levantamento de cargas. Mulheres delicadas, de mãos pequenas e sensíveis poderiam cerzir e brocar. Isso não significa que os seres humanos nasciam talhados para nichos de força ou precisão, delicadeza ou rudeza. Como parte da formação da criança, jovem ou adulto, figuravam os diferentes treinamentos para cada uma das funções existentes de produção, manipulação e vivência. A capacidade, ora amortecida, de adestrar os gestos para tarefas manuais e direcioná-los, é complexa, e envolve musculatura, ossatura e aparelhagem cognitiva. Não raro, resultava também em mutilações, deformações e doenças crônicas.

A partir da conformação positivista da indústria e da tecnologia produtiva, essa complexidade é solapada pela emergência de uma gama de dispositivos e processos que

não se relacionam a priori com a escala de força e encaixes do corpo humano. As demandas da tecno-ciência fizeram surgir uma coleção de objetos que se relacionam antes com os dados da cognição abstrata e positiva (euclidiana), e depois, sob ajuste, aos fatores humanos, os quais denominam o conjunto de demandas construídas abstratamente definidoras do corpo humano funcional como peça modular de um sistema produtivo e de controle.

O campo da ergonomia estabelece procedimentos de coerção que debelam a variação. Implicam na regularização destas a partir de uma fórmula da antropometria que converte qualquer ser humano em uma coleção medidas – uma fórmula, forma, *morphé* – o módulo humano. Mesmo quando, na ergonomia contemporânea, valoriza-se a especificidade inalienável de cada indivíduo, isso se faz para que se possa segui-lo e extrair dele o máximo de desempenho, eficácia e eficiência.

Em muitas manoplas de dispositivos industriais mais antigos, o projetista disponibiliza um nicho para cada dedo das mãos. Vê-se algo bem diferente nos dispositivos hoje consumidos em massa (controles de *video-games*, *joy-sticks*, manoplas de bicicletas e bengalas para deficientes visuais). Não mais os nichos para os dedos, mas uma forma relativamente genérica que é capaz de acomodar tamanhos de mãos diferentes ao longo de um perfil de diâmetro variado. Os usuários podem procurar pelo ponto ao longo da manopla no qual o diâmetro é adequado. E não se exige que a mão permaneça em uma posição fixa durante o uso, os dedos dançam e alternam posições, procurando pegadas variadas de acordo com a força e velocidade de manejo.

Já se observa a manopla de diâmetro variável em dispositivos tradicionais, como o machado. Isso desmente o argumento de que as manoplas com nichos para os dedos facilitam o manuseio de aparelhos que exijam mais força. No entanto, a ergonomia industrial preferiu ver o corpo como dispositivo dotado de pontos de arranque e ancoramento, associando-o mecanicamente como módulo funcional à máquina. A manopla contemporânea não conta com um gabarito padrão. Ela é positivada de maneiras variadas em dispositivos diferentes. Não se encontra um mesmo desenho em todos eles. A criação em cada contexto específico guarda parentesco com aquele momento (complexo). As tentativas de encaixe das mãos do carpinteiro e o cabo do machado não seriam tão diferentes das tentativas dos componentes da equipe de design em encontrar um desenho que dê conta da pegada de uma infinidade de pessoas.

## Antropomorfia – tipologia

Proponho que existem dois níveis estabelecidos e fundamentais de antropomorfismo: ( $\alpha$ ) semelhança e a ( $\beta$ ) ergonomia.

( $\alpha$ ) A semelhança opera pela analogia direta. Próxima à função fundamental da arte clássica, a antropomorfia de semelhança é a imitação do corpo. Essa emulação é complexa, e nem sempre é explícita. A arquitetura tradicional tem o corpo como medida; não como na ergonomia, mas na projeção de entes simbólicos do corpo sobre o espaço originalmente não-corpóreo. Relações entre a altura do homem e o tamanho da casa; entre a organização do corpo e do edifício, e a orientação cardinal das igrejas (MAGISTER, 2005). No entanto, essa relação não é estritamente formal e puramente simbólica. Assim, quando o homem europeu antigo utiliza sua sombra como referência para localizar os limites da sua futura casa, ele fixa uma relação entre a escala do edifício e a escala de seu corpo.

( $\beta$ ) A ergonomia opera uma analogia indireta. Ela compõe-se como tecnologia ambiental. O que fundamenta a ergonomia não é mais a projeção de entidades simbólicas difusas – e de valor culturalmente amplo – do corpo sobre o espaço a ser metamorfoseado, mas sim a projeção de entidades *abstraídas* do corpo como medida geométrica gerando uma entidade construída geometricamente. Ou seja, a ergonomia finca traços exatos do corpo sobre o ambiente. Não se consegue mais reconhecer o corpo por semelhança explícita ou implícita. Mas pode-se reconhecê-lo, ainda, em tamanhos, posições e proporções. Mesmo estando ausente, o corpo habita espaços e objetos como fantasma (imagem).

Nesta antropomorfia por ergonomia, espaço e objeto se compõem como respostas conscientes a demandas ligadas à fisiologia. O objeto abstrato corpo humano foi gradualmente construído de acordo com o tipo e nível de desenvolvimento das ciências da natureza, em especial a biologia. E as respostas às demandas de espaços e objetos de uso refletiam esse estado do conhecimento formal. No mundo contemporâneo, o grau de explicitação dos aspectos complexos do corpo e a revalorização (ainda ideológica) do ser integral (unidade mente/corpo) elevam a ergonomia a um nível de sofisticação tal que surgem os edifícios ditos inteligentes, capazes de reagir à presença dos corpos. O mesmo ocorre com os objetos industriais e as áreas urbanas.

Mas, neste caso, há um outro grau ou tipo de antropomorfismo, mais complexo e dinâmico, capaz de acompanhar os movimentos do corpo em detalhe. Denomino tal antropomorfismo de ( $\gamma$ ) acompanhamento.

O antropomorfismo de acompanhamento opera por dois vieses. Por um lado, a infra-estrutura de processamento digital, surgida na segunda metade do séc. XX, permite uma sistemática de interatividade em tempo real, que envolve concretamente a interpenetração dinâmica. A figura formalizada do usuário transcende as barreiras funcionais da ergonomia e envolve-se com a figura formalizada do dispositivo. Emerge uma figura fundida ou fusionada.

Por outro, o acompanhamento pode ser visto de forma ainda mais sofisticada nas vestimentas e entes produzidos que acompanham o corpo desde tempos imemoriais. A indumentária acompanha o corpo e o reconfigura, converte-o em outra coisa: o corpo do atleta, do guerreiro, do bailarino, do lenhador, do caçador, etc. Elementos abraçam o corpo e por ele são abraçados, criando outras capacidades e um novo corpo.

De um lado, tem-se um acompanhamento que depende fundamentalmente da formalização tanto do ente humano – via ergonomia fisiológica e cognitiva – como do objeto produzido – via processamento digital. E, por outro lado, a muito tempo tem-se um acompanhamento sofisticado e intimamente ligado ao cotidiano dos objetos que se colam ao corpo e o acompanham. Mas não apenas a roupa seria capaz disso, a arquitetura móvel que se produz no nomadismo é capaz de fazer o mesmo (VASSÃO, 2002).

Em ambos os casos, essa antropomorfia incorre em uma alteridade do corpo. E essa pode ser observada em todos os sentidos. O corpo assistido pode suportar mais frio e, hoje, mais calor do que o corpo não assistido. A armadura prepara o corpo para a batalha. Mergulhador e astronauta transportam consigo reproduções das condições climáticas e barométricas da origem biótica do corpo humano.

Haveria uma progressão nos três níveis de antropomorfia:

( $\alpha$ ) A semelhança relaciona-se ao corpo em contemplação; a ( $\beta$ ) a ergonomia se depara com o corpo e procura compreendê-lo para melhor utilizá-lo, mas mantém-se à distância, sem interpenetrar o corpo e o artefato; os produtos do ( $\gamma$ ) acompanhamento procuram o corpo individual e procuram pelo ajuste que os faça aceitar. Mas, além disso, ( $\gamma'$ ) o acompanhamento completa o anseio da ergonomia, submetendo o corpo à maneira como seus processos são lidos e processados abstratamente (dispositivo

interativo); e por outro lado ( $\gamma''$ ) o acompanhamento é um dado dos objetos capazes de estar presentes onde o corpo vai; independentemente da mediação formalizadora das relações produto/corpo (vestimenta, arquitetura móvel).

### **Dispositivos antropomórficos**

Os dispositivos antropomórficos são entidades fabricadas dotadas de capacidades de processamento digital que se debruçam sobre o corpo, tomando-o como referência, medida e função. Eles são o exemplo explícito do acompanhamento ( $\gamma$ ) acumulando as duas modalidades anteriores ( $\alpha$  e  $\beta$ ) e somando-as à automação eletromecânica ligada à volição do corpo. Pode-se crer que, nesta modalidade de antropomorfismo, o corpo seria aceito como fulcro ontológico do ser humano, pois é ele que passa a ser tomado como anteparo inescapável, e não mais a função abstrata, a tarefa descorporeizada.

Um exemplo de um dispositivo antropomórfico é o meio de transporte pessoal denominado *Segway*. Meio de transporte de ínfima projeção horizontal, poderia reposicionar os veículos motorizados individuais no meio urbano. Desenvolvido pelo inventor e engenheiro norte-americano Dean Kamen, equilibra o usuário sobre duas rodas que, diferentemente da bicicleta, não estão alinhadas mas paralelas entre si; mantém o equilíbrio à maneira de um bípede, constantemente monitorando os micro-movimentos da massa corpórea do usuário, impedindo que o veículo tombe. Em uma nova modalidade da ergonomia, um ato humano por natureza, o andar, tão intimamente relacionado a tantos outros atos e elementos profundos da cultura, é erradicado e substituído, com mais eficiência e eficácia, pelo ato de projetar-se para frente, para trás, para os lados, deixando para a máquina a tarefa do deslocamento, para que se possa acelerar o movimento.

Um tipo similar de acompanhamento já era imaginado pelo grupo arquitetônico inglês Archigram. Estes precursores da arquitetura high-tech e do edifício inteligente propuseram tirar o máximo dos momentos instantâneos, carentes de definição e fugazes como o vento (ARCHIGRAM, 1972), mas que, com a tecnologia digital, tornam-se perfeitamente cognoscíveis aos sistemas gestores. ( $\gamma'$ ) e ( $\gamma''$ ) degladiam-se neste dispositivo.

### **3ª oposição**

O antropomorfismo se dá em diálogo com o mundo. Se os atos de criação e positividade tomarem o sítio da forma humana na alma, na psique, no espírito, ou seja, se a identidade da humanidade for entendida como dado do pensamento, o antropomorfismo seria a reprodução dessa entidade transcendente. Mas, se o sítio da humanidade for tomado como ser integrado corporeamente, sendo a identidade humana inalienavelmente um devir corpóreo, a antropomorfia estabelece-se como apreensão de uma complexa fricção entre corpos, construindo um ambiente variante que pode, por sua vez, produzir e emanar imagens, antropomorfias.

Assim, é possível tomar a forma, aqui, de duas maneiras: (A) imagem eminentemente transcendental; e como (B) construção eminentemente imanente. Desta maneira, a antropomorfia do espaço e do mundo pode ser um ato de imposição da forma, a partir de uma imagem separada do ente antropomorfizado, ou então como fricção concreta de entes corpóreos. Mesmo aí, a pureza não cabe, a imanência se sobrepõe à transcendência, na criação de entes mistos e sem clareza de reportagem: imagem ou construção.

### **4ª oposição**

A partir das três oposições anteriores, haveriam duas noções de antropomorfia:

1) antropomorfia mediada – reprodução (direta, por semelhança, e indireta, por ressonância) de corpos a partir da mediação de uma referência, uma imagem do corpo "como deve ser". Transcendência, objetos moldados a partir de uma imagem sancionada adestram o corpo a ser como aquele corpo que, de inexistente (idéia, imagem) passa a existir como impressão sobre corpos múltiplos.

2) antropomorfia não-mediada – criação de corpos para si e para outros a partir de uma ação concreta não mediada por referências. Possível criação de outros corpos – não reconhecíveis como humanidade (categoria), mas sim humanos e/ou seres em devir. Imanência, a fricção concreta de seres humanos inegavelmente corpóreos constrói uma ambiência dotada de impressões múltiplas que podem ser reconhecidas como imagens da humanidade marcadas sobre as coisas e sobre si mesma.

Creio que uma antropomorfia legítima seja inexoravelmente não-mediada, pois capaz de fazer emergir a complexidade dos objetos e das relações humanas, sociais,

culturais, e outras. Então, mesmo na possibilidade da ação ideológica, os corpos se interpõem, e obrigam a uma reavaliação da imagem, induzindo a uma renovação de maior complexidade.

A antropomorfia mediada é uma sistematização, mesmo que tentativa: o corpo que se emula, a base para o corpo que se constrói, é um corpo existente apenas como imagem. Por outro lado, a fuga dos esquemas sistematizantes/disciplinares incorre em um corpo que não é necessariamente antropomórfico, mas, sim, um outro corpo.

Mas certamente, um corpo que não é pautado pela imagética da semelhança, da ergonomia e do acompanhamento, em geral consideradas as únicas vias de corporeação de projeto, porque mediadoras deste. Estas corporealidades antropomórficas dependem de uma imagem referencial que não é o corpo em si, e compõem-se, concretamente, como um reflexo de uma imagem. Uma alienação corpórea: corpo como imagem.

### **Antropomorfia complexa e imanente**

A produção construtiva da antropomorfia dos espaços e objetos procede pelos choques entre limites corpóreos: na vivência não exatamente subjetiva, emerge um padrão destes choques; o indivíduo friccionando-se com as coisas que encontra e com as quais dialoga produtivamente.

Creio que, nesse processo construtivo, transita uma antropomorfia complexa. Essa antropomorfia, quando emana imagens (*morphé*), essas são múltiplas e pautadas pela fricção concreta de corpos, e não múltiplos corpos pautados pela imagem unitária; o que ocorreria na antropomorfia idealista, a qual seria uma captura da complexidade.

A construção concreta de entidades produtíveis industrialmente certamente passa pela positivação de um conjunto complexo de imagens. São as imagens que estão com o ferramenteiro em sua oficina, ou com o operador da máquina de corte por água, ou ainda amparam o designer na concepção do objeto. Mas, essas imagens são anteparos, e não podem ser tomadas como expressão de uma verdade maior, melhor acabada.

### **Referências Bibliográficas**

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ARCHIGRAM. *Archigram*. Londres: Studio Vista Publishers, 1972.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil platôs - Capitalismo e esquizofrenia*. Vol.1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

\_\_\_\_\_. *Mil platôs – Capitalismo e esquizofrenia*. Vol.5. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. São Paulo: Graal, 2000.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos: ensaio em antropologia simétrica*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

MAGISTER, Sandro. *Forgotten Stones: A guided tour of the places of liturgy*. Disponível em <http://tcrnews2.com/genreno.html>. Acessado em 20/09/2005.

VAN DER VEER, G.C., BAGNARA, S. & KEMPEN, G. A.M. (ed.). *Cognitive ergonomics: contributions from experimental psychology*. North-Holland. 1992.

VASSÃO, Caio Adorno. *Arquitetura móvel: propostas que colocaram o sedentarismo em questão*. (Dissertação de Mestre). FAU/USP, 2002.

VASSÃO, Caio Adorno e COSTA, Carlos Roberto Zibel. *Mobilidade e Interface: um pensar contemporâneo para a urbanidade segundo suas formas e meios de produção ambiental*. In: NOJOSA, Urbano (org.). *Design contemporâneo*. São Paulo: Nojosa, 2005.

VIRILIO, Paul. *Espaço crítico*. São Paulo: Editora 34, 1999.

WIENER, Norbert. *Cibernética e sociedade: o uso humano de seres humanos*. São Paulo: Cultrix, 1969.